

DINÂMICA DE DUAS VIAS COMERCIAIS DE NOVA CRUZ - RN

dynamics in two-way trade of the city of Nova Cruz - RN

Severino Alves Coutinho *

Resumo

Este artigo constitui-se em uma análise sobre duas ruas da cidade de Nova Cruz, no Rio Grande do Norte, a Dr. Pedro Velho e a Industrial José de Brito, estruturadas como importantes vias comerciais, mas que no passado sofreram mudanças significativas a partir da mobilidade espacial da feira e da instalação do mercado público municipal. Tais elementos influenciaram a formação de uma nova configuração espacial, marcada por formas, valores e um novo ritmo de vida. Inicialmente houve certa complexidade por causa dos impactos negativos e positivos que foram se processando, respectivamente, nas referidas ruas, com a diminuição na oferta de produtos por um lado, e o crescimento na comercialização, por outro. Uma realidade modificada com a revitalização da área afetada, o que impulsionou a refuncionalização das atividades anteriormente desenvolvidas, desta vez não apenas em uma, mas em duas vias que se viabilizaram como opções de consumo, readaptadas as variações do espaço e as mudanças impressas pelo tempo.

Palavras-chaves: Nova Cruz, Vias comerciais, Feira.

Abstract

This article is an analysis about two streets of the city of Nova Cruz in Rio Grande do Norte, Dr Pedro Velho and Industrial José de Brito, structured as important ways trade, but in the past have undergone significant changes from the spatial mobility of the fair and the installation of municipal public market. Such elements have influenced the formation of a new spatial configuration, marked by forms, values and a new rhythm of life. In the beginning there was some complexity because of the negative and positive impacts that were processing respectively in said streets, with the decrease in product on one hand, and growth in sales on the other. A reality changed with the revitalization of the affected area, which drove the refuncionalisation activities previously undertaken, this time not just in one but in two pathways that are made possible as consumer options, re-purposed changes in space and time printed by the changes.

Key words: Nova Cruz, Ways Trade, Fair.

Resumen

Este artículo es un análisis de dos calles de la ciudad de Nova Cruz, en Río Grande do Norte, el Dr. Pedro Velho e Industrial José de Brito, estructuradas como importantes caminos comerciales, pero en el pasado han experimentado cambios significativos desde el movilidad espacial de la feria y la instalación del mercado público municipal. Tales elementos han influido en la formación de una nueva configuración espacial, marcada por formas, valores y un nuevo ritmo de vida. Al principio hubo cierta complejidad debido a los impactos negativo y positivo que estaban se procesando, respectivamente, en dichas calles, con el descenso del producto, por un lado, y el crecimiento de las ventas en el otro. Una realidad cambió con la revitalización de la zona afectada, lo que condujo a las actividades llevadas a cabo previamente refuncionalización, esta vez no sólo en uno sino en dos vías que son posibles como opciones de consumo, re-utilizados los cambios en el espacio imprimidas por el tiempo.

Palabras claves: Nova Cruz, Caminos Comerciales, Feria.

(*) Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba – Campus I, Cidade Universitária, CEP: 58.059-900, João Pessoa Paraíba (PB) – Brasil, Tel/Fax: (+55 83) 3216 7432 /32167595 - coutinho@hotmai.com

INTRODUÇÃO

Historicamente a cidade passou por significativas transformações, tanto em relação à forma, como também no que diz respeito à vida política e social. Os bairros, as ruas, o mercado público e os demais equipamentos urbanos constituem os elementos que compõem a estrutura interna da cidade. Dentre estes, a rua é o elemento que melhor expressa a dinâmica e as condições nela existente.

O território pertencente à Nova Cruz passou a ser ocupado no início do século XVII, a partir do desenvolvimento da pecuária, que apesar de no período não ser estabelecida na área, servia de caminho por onde passavam as pessoas que trabalhavam nessa atividade. Essa realidade deu origem ao povoado que somado aos antigos moradores crescia com a população migrante que conduzia rebanhos de gado oriundos de outros estados, como Paraíba e Pernambuco, e que, por vezes, decidiam fixar moradia nessa nova localidade. O referido município está situado na região Agreste Potiguar do estado do Rio Grande do Norte. Tendo sido constituído em 1852, pela Lei Provincial N.º 245, mas só em 3 de dezembro de 1919, passa também a sua sede a ser denominada cidade.

A delimitação do objeto de estudo, focado nas ruas Dr. Pedro Velho e Industrial José de Brito, deve-se ao fato de estarem ligadas comercialmente e por manterem desde o início de sua formação uma história de relações socioculturais que se perpetua até os dias atuais, sendo a feira a forma de comércio mais antiga e que dinamiza a economia da cidade. Nesse sentido,

El paisaje de la ciudad, ante todo producto social, es también resultado del entorno geográfico (emplazamiento y situación); muestra la huella del pasado histórico, a través de características de estilo, de trazado y de funciones relacionadas con las distintas fases de crecimiento, y exterioriza las condiciones sociales, culturales, económicas, tecnológicas, valores simbólicos, de naturaleza cambiante, que tiene intervenido en su construcción (MARTIN, 1991, p. 73-74).

Assim, a cidade manifesta-se através do seu desenho ou da sua forma, ou ainda como lugar de realizações sociais. Dessa forma, é na rua onde se desenvolvem, se materializam as transformações na trama física e na paisagem da cidade. Como também, é o lugar do movimento, das práticas sociais, das diferenças e das normatizações do cotidiano em momentos históricos diversos (MAIA, 2005).

As ruas referidas anteriormente são importantes vias comerciais, por isso, merecem uma análise por retratar aspectos da história da cidade, e por ter gerado desde a sua constituição, transformações significativas nos bairros, como percebe-se hoje através dos novos usos. A rua Dr. Pedro Velho, também conhecida como “Rua Grande” do centro da cidade, é uma das mais antigas e apresentava maior dinamismo devido ao fluxo de pessoas, principalmente nos dias de feira realizada nas segundas-feiras, onde se aglomeravam grande número de pessoas não só de Nova Cruz, mas de municípios vizinhos. Quanto à rua Industrial José de Brito, situada no bairro de São Sebastião, tem seu processo de formação mais recente e com uma melhor infraestrutura, principalmente a partir da construção de um grande mercado público, em 1992, que serviu de justificativa à transferência da feira livre para essa via, impulsionando o estabelecimento de prédios comerciais na área.

Assim, para entender as particularidades que envolvem a dinâmica e a dimensão da feira foram aplicados 70 questionários visando extrair informações que comprovassem sua condição como fenômeno comercial. A pesquisa revelou que circulam pessoas de diferentes localidades na via onde a feira funciona e que têm por hábito utilizá-la como espaço comercial para realizar suas compras semanais. Embora tais frequentadores não tenham como único ponto de referência a feira, esta continua sendo uma forma de comércio de alcance popular bastante procurada como local de consumo.

Entre os locais de procedência do Rio Grande do Norte de maior procura pela feira, estão os municípios de Montanhas, Lagoa d’Anta, Santo Antônio, Pedro Velho, Canguaretama, Passa e Fica, Goianinha, Brejinho e Monte Alegre, respectivamente. Além destes, outros consumidores são provenientes de municípios do estado da Paraíba, como Jacaraú e Logradouro, que também tem a feira como forma de consumo.

Dessa forma, entender e apontar as implicações que se desdobraram com o deslocamento da feira de um ponto a outro é fundamental para que se possam perceber os agentes históricos responsáveis por essa operação e as contradições permeadas na cidade. Naquele momento contestado, mas hoje, bem localizado e com maior dinamicidade, uma vez que não abrange apenas uma rua como se dava na Dr. Pedro Velho, no centro da cidade, mas sim em várias próximas ao mercado público, onde também se localiza a Industrial José de Brito, no bairro de São Sebastião.

O COMÉRCIO E AS TRANSFORMAÇÕES NA RUA DR. PEDRO VELHO NO CENTRO DA CIDADE

Como atividade do setor terciário, o comércio adquiriu relevância em decorrência do trabalho desenvolvido em alguns lugares não serem auto-suficientes, no tocante à satisfação das necessidades locais. Daí, as relações não só de uma, como entre várias cidades, sinalizando a extensão e a produção em algumas áreas e a demanda em outras.

A princípio, o homem realizava grande parte de suas necessidades, produzindo os bens úteis à sobrevivência. O que produzia em excesso era trocado por produtos diferentes, suprimindo a falta do que precisava, criando-se assim uma espécie de organização direta de trocas, o escambo. Mas com o desenvolvimento do conhecimento, as necessidades foram se ampliando e o espaço geográfico ganha novas feições em função das transformações ocorridas, e o sistema de trocas, evidentemente, passa a apresentar dificuldades quanto a sua realização. Dificuldades pelo transporte dos produtos com destinos ao local onde se efetivava a troca dos bens produzidos. Nem sempre se conseguia trocar produtos por outros desejados. Daí, o surgimento da moeda que facilitou melhor esse processo até a substituição de fato desse sistema de trocas de produtos pela atividade comercial, hoje presente nas mais simples ações cotidianas da sociedade, de maneira formal ou informal, geralmente espalhadas pelas ruas da cidade.

Segundo PINTAUDI (1981, p. 158), “o estudo das formas do comércio [...] nos permite compreender e explicitar uma nova articulação espaço – tempo e tal articulação implica uma organização social distinta”, introduzindo nos espaços da cidade, especificamente nas ruas, uma paisagem urbana marcada por diferentes formas comerciais e novas relações sociais.

Na rua Dr. Pedro velho, essas relações se dão desde o início de sua formação, quando então, serviu e ainda serve de referência pela história e importância mantida como ponto de consumo. Nela, se materializam as estruturas físicas e as práticas econômicas resultantes das expressões sociais - elementos que definem e explicam o desenvolvimento da cidade. E é nesse processo que,

[...] se constrói a identidade em relação ao espaço que sustenta e dá sentido aos usos. O tempo se refere à duração ligada aquela das práticas, que, por sua vez, vincula-se a um uso limitado geralmente expresso na morfologia das ruas e avenidas, pelo fluxo, tipos e densidade da frequência pela relação entre construído e não construído (CARLOS, 2001, p. 46).

Cada rua, embora construída para determinados fins, pode em pouco ou durante longos períodos se transformar em lugar com tendência a sentidos opostos ao início de sua formação. Assim se desenhou a então Dr. Pedro velho, uma das primeiras a surgir e de maior dinamismo decorrente do fluxo registrado, principalmente nos dias de feira, onde se aglomeravam grande número de pessoas do município e da região, incluindo áreas do estado da Paraíba (Figura 1).

O comércio tradicional que viabilizou outros tipos de estabelecimentos comerciais é indicativo das mudanças que se operaram, transformando as pequenas mercearias em ambientes organizados a atender e a adequar às necessidades dos consumidores. Até a década de 90, essa particularidade é um fato visível no centro da cidade, fazendo desta via o lugar mais procurado, inclusive porque há nessa rua a realização de outros eventos como os religiosos, a exemplo da quermesse em celebração a padroeira Nossa Senhora da Conceição, anualmente festejada pelos habitantes, em frente à igreja



matriz, desde 1992, e que permite por um lado o encontro, por outro, a comercialização de artigos religiosos e produtos oriundos do próprio local. Para LEFEBVRE (1999), a rua:

É o lugar (topia) do encontro, sem o qual não existem outros encontros possíveis nos lugares determinados. Esses lugares privilegiados animam a rua e são favorecidos por sua animação, ou então não existem [...]. Nela efetua-se o movimento, a mistura, sem os quais não há vida urbana, mas separação, segregação estipulada e imobilizada (LEFEBVRE, 1999, p. 29).



Figura 1 - Feira livre municipal na rua Dr. Pedro Velho – Nova Cruz, RN – anos 40

Fonte: Acervo da prefeitura municipal de Nova Cruz – RN

Nesse sentido, parte do cotidiano vivido permanece sendo desenvolvida, apesar das mudanças ocorridas, com o deslocamento da feira livre, em 1992 para outro bairro da cidade causando impacto na rotina da população, e mais precisamente, no modo de vida daqueles que viam naquela rua um lugar viável à realização de negócios.

Alguns moradores e comerciantes insatisfeitos com tal posição, sem poderem dar continuidade às atividades comerciais, antes impulsionadas pela feira, decidem fechar seus estabelecimentos, já que os consumidores não mais frequentavam na mesma proporção. Outro problema é a desvalorização sofrida pelos imóveis não mais atrativos e por isso, vendidos a preços inferiores ao de custo de mercado. Aos que resistiram, resta um incipiente comércio tipicamente tradicional da época. Outros, entretanto, tentaram reorganizar suas vidas, comprando lotes de terreno o mais próximo da nova rua onde estava funcionando a feira, pois os prédios, em torno, aos poucos, foram se valorizando e se transformando em casas comerciais.

A transferência da feira se dá em 1992, sem levar em consideração os moradores e os feirantes que exerciam suas funções na “Rua Grande”. Alguns moradores, inconformados com a atitude do poder municipal local, que no momento pode ter tido um viés político, divergente do interesse dos comerciantes que mantinham lojas, mercearias e mercados, por isso, propuseram e acionaram na justiça essa causa, visando o retorno desse evento ao local de origem. Essa ação não surte efeito contra o poder público representado pela prefeitura, ficando a população a mercê das determinações municipais sem sequer participar das decisões tomadas.

Em 2000, uma nova gestão assume o município e, desta vez, com fortes ligações com a rua Dr. Pedro Velho, o que de certa forma reanima os moradores e donos de imóveis que veem a possibilidade de mudanças. De fato, através de um olhar preocupado em dar uma configuração nova, dinamizando novamente a área em espaço comercial, a rua é revitalizada, mudando seus aspectos paisagísticos. Dentre estes, a viabilização de iluminação e da arborização feita nas largas calçadas, onde se situa as casas comerciais, como forma de tornar o lugar mais atrativo para novas atividades e consumidores. Além disso, os prédios comerciais também sofreram modificações, já que foram em sua maioria transformados em estruturas físicas modernas diferentes do desenho arquitetônico do passado. Isso despertou na população a possibilidade de reinvestir na comercialização de diversos tipos de produtos. De fato, isso acontece e a rua reaparece como centro comercial, não mais com a feira, mas com o incremento de construções e ocupações de prédios destinados a esse fim. A partir disso, essa via vai sendo paulatinamente reocupada por antigos e novos proprietários que decidem desenhar uma nova página dessa história, reestabelecendo nessa via a condição de centro comercial, título dado desde a época de sua fundação.

Outro fator determinante nesse processo está ligado à presença dos bancos que funcionam em torno dessa via, levando a população não só a frequentar o bairro de São Sebastião onde se encontra a feira, como buscar serviços no centro. Isso favorece o setor terciário, levando a um maior desenvolvimento de suas atividades, que faz desse eixo viário mais uma opção de consumo na cidade, além da Rua Industrial José de Brito.

Por outro lado, ainda no intuito de enfrentar a problemática posta ao centro, em particular na rua Dr. Pedro Velho, onde funcionava a feira, o poder público criou uma equipe para atuar frente aos desdobramentos dados. Assim, buscou-se junto aos feirantes, uma forma de minimizar a questão imposta em anos anteriores e que somente seria resolvida com ação prática. A proposta a ser implementada diz respeito à recolocação da feira a funcionar em dias de quinta-feira, não mais na segunda-feira como ocorria no passado. Tal transferência nada tinha haver com a grande feira do início da semana. Esta continuaria a se desenvolver próximo ao mercado instalado em outro bairro. A alternativa se daria em relação ao desenvolvimento de uma feira nas quintas-feiras no alto de São Sebastião, onde se situa a rua que recebe o mais importante evento comercial da cidade - a feira livre municipal.

A da quinta feira, de menor expressão, seria na visão de alguns, uma maneira de surtir efeito e, desta forma, cada uma das vias ser beneficiada com o mesmo evento. Isso não acontece, pois os feirantes não apresentaram interesse e na falta de consenso, a feira da quinta permanece na mesma rua na qual foi criada, ficando a rua Dr. Pedro Velho com os velhos estabelecimentos de negócios, que após sua reestruturação ganha uma configuração diferente, tanto em sua morfologia como em seu cotidiano, antiga pelos anos, mas nova por acompanhar as mudanças e a dinâmica que envolve as atividades comerciais. É preciso destacar também, que para garantir o crescimento e a diversidade de produtos, superando a lacuna deixada, os proprietários de imóveis tiveram que compensar suas perdas, assentando em bases sólidas seus investimentos. Para isso, analisaram o tipo de mercadoria e sua possível inserção no espaço, no intuito de garantir sucesso aos empreendimentos que iam se fixando, suprimindo a demanda e ampliando o raio de alcance às demais áreas de Nova Cruz e de cidades territorialmente próximas.

O PAPEL DA FEIRA NO DESENVOLVIMENTO COMERCIAL DA RUA INDUSTRIAL JOSÉ DE BRITO

Quanto à rua Industrial José de Brito, situada no bairro de São Sebastião, há uma revalorização do espaço, dotando-a de melhor infraestrutura. Esse processo foi fundamental para redefinição e inserção de atividades numa maior proporção, o que determinou mudanças nos hábitos do lugar.

As grandes mudanças se pautaram no crescimento e ampliação das atividades econômicas desenvolvidas nessa rua. Assim, põe-se em prática um processo de transformação de antigas formas



urbanas, marcada pela forte presença de residências e poucos pontos de negócios. Dentre estes, um prédio destinado à garagem de uma empresa de transportes que fazia viagem a Natal/RN. Antes disso, no entanto, ainda nesse mesmo prédio já havia funcionado, em 1948, uma unidade fabril que utilizava como matéria-prima o algodão, cujo produto (óleo) era enviado a Campina Grande, estado da Paraíba. Após um desequilíbrio nas finanças, esta passa para as mãos de outro proprietário que resolve levar o escoamento de sua produção à capital do estado do Rio Grande do Norte (SILVA, 2000).

O lugar onde antes havia uma arquitetura antiga é modificado, passando por uma reforma que lhe dá uma nova forma urbana. E no período de 1989 até 1992, a antiga forma é retransformada e ampliada para dar espaço a um grande mercado público, sendo um dos maiores do Rio Grande do Norte, composto, dentre outras partes; por salões, lojas e bares, tanto no térreo como no primeiro andar. Sua estrutura foi planejada para comportar diversos eventos populares, entre os quais a feira, destinados não somente a população da cidade, mas também da região (Figuras 2, 3 e 4).



Figura 2 - Mercado público municipal, na rua Industrial José de Brito. Bairro de São Sebastião – Nova Cruz
Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Nova Cruz/RN

Outra novidade é que para sua constituição, priorizou-se não somente as características próprias de mercado, como se incluiu na elaboração do planejamento um espaço para realização de festas, principalmente em finais de semana, entre outras atividades que reúnem pessoas em torno de eventos populares ocorridos na cidade. Sendo sua edificação importante ao engendrar novos equipamentos urbanos que dinamizaram a economia da cidade. Segundo MARX (1999):

Esparrama-se toda gente, com liberdade e de acordo com o mercado, pelos setores mais ou menos equipados e prestigiosos [...]. Tudo isso com uma certa ordem, buscada se não alcançada, que se reflete entre outros aspectos pela nitidez urbanística da fronteira entre o público e o privado (MARX, 1999, p. 106).



Figura 3 - lojas e bares no espaço do mercado público
Fonte: Severino Coutinho, 2010



Figura 4 - Salão onde funciona parte da feira e onde se realiza festas
Fonte: Severino Coutinho, 2010

Essa obra proporcionou certo desenvolvimento para a cidade, em especial a rua onde se instala tanto no aspecto urbano quanto comercial, contribuindo também para alargar as relações com ruas situadas em torno da construção desse empreendimento. Assim, foram incorporados diversos estabelecimentos comerciais na rua Industrial José de Brito devido sua revalorização, o que dificultou o acesso da população de menor poder aquisitivo, seja pra constituir residência ou por em ação interesses comerciais, diferente do que ocorreu nos últimos 20 anos, quando os habitantes do bairro de São Sebastião se dirigiam à “Rua Grande” do centro da cidade, por falta de opção de consumo no local de moradia.



Esse processo proporcionou modificações paisagísticas no lugar, pois além da rua ser espacialmente larga e retilínea, também foi organizada em forma de avenida, onde sua faixa central foi arborizada e também recebeu iluminação pública. Já os estabelecimentos comerciais e de serviços que nela se instalaram possuem em suas fachadas traços modernos com estruturas planejadas para atender maior número de consumidores do município e da região que freqüentam também a feira. Nesse processo existem resquícios de práticas sociais em meio às transformações nas formas de comércio e da paisagem, tendo em vista a demanda pelos produtos expostos na feira que ainda despertam interesse e se consolida como elemento de forte significado para a sociedade.

A efetiva implantação do mercado e, em consequência disso, a vinda da feira, causou impactos positivos, devido à circulação de produtos e aumento no fluxo de pessoas durante toda semana, principalmente nas segundas e quintas-feiras. Isso porque, ao transferirem a feira da Rua Dr. Pedro Velho para Industrial José de Brito, já existia o comércio de feira desenvolvido nas quintas-feiras, porém de menor expressão, comparando a chegada desse mesmo tipo de fenômeno no início da semana, melhor organizada e com maior variedade de mercadorias que se estendem pelo mercado e por essa via.

Para justificar tal empreendimento, salientou-se que aquele espaço deveria ser utilizado, além dos produtos expostos diariamente nos estabelecimentos comerciais, a feira e mais o lazer, que surgiram com a finalidade de dar conta das necessidades criadas pelo próprio processo de evolução desse lugar, projetado para promover o encontro e realizar negócios, um potencial importante impresso nas condições de uso dessa rua. Elemento singular e, sobretudo,

[...] revelador; a partir dela se pode pensar o lugar da experiência, da rotina, dos conflitos das dissonâncias, bem como desvendar a dimensão do urbano, das estratégias de subsistência, e ainda marcar a simultaneidade do cheio e do vazio, dos sons e dos ruídos, apontando para usos e tempos diferentes (CARLOS, p. 56, 2001).

Verifica-se, desta forma, que a rua aparece como receptáculo de memória - fruto das relações sociais e momentos históricos específicos, manifestados em comportamento, valores e ações que dão identidade ao lugar. A dinâmica da feira gera um significativo contingente de pessoas no espaço apropriado para esse fenômeno comercial, determinando o movimento e, por outro lado, o vazio, caracterizado pelos dias sem a realização desse evento.

Há algum tempo, a rua Industrial José de Brito vem desempenhando a qualidade de espaço planejado para diversas atividades, tornando-se o palco das atenções pela realização dos maiores eventos que ocorrem na cidade. Dentre eles, a tradicional festa de São Sebastião, iniciada em 1921, e que reúne pessoas de vários municípios do estado do Rio Grande do Norte. Outra importante manifestação popular refere-se à festa de São Pedro como um dos eventos prestigiados pela população, desde o ano de 1997, quando foi incluída na programação oficial do município.

Merece destaque, ainda, a expansão de equipamentos urbanos que antes funcionavam em outras vias, e que são transferidos para esse novo espaço com condições de receber maior contingente de pessoas e de mercadorias. Não podendo dizer que houve uma avalanche de pequenas empresas, mas o suficiente para despertar na população um olhar voltado para o consumo. Essas pequenas empresas em consonância com a feira, fizeram desta via um dos principais pontos de convergência a atrair moradores locais e de outras cidades da região Agreste Potiguar e do estado da Paraíba. Por isso, foi conquistando com o passar dos tempos uma relevante posição no quadro comercial da cidade (Figuras 5, 6 e 7).





Figura 5 - Feira livre municipal na rua Industrial José de Brito – Bairro de São Sebastião, Nova Cruz, RN
Fonte: Severino Coutinho, 2008.



Figura 6 - Feira livre municipal no espaço por trás do mercado público – Bairro de São Sebastião, Nova Cruz, RN (à esquerda)
Figura 7 - Feira livre municipal na rua 1º de Maio – Bairro de São Sebastião, Nova Cruz, RN (à direita)
Fonte: Severino Coutinho, 2008.

Hoje, percebe-se pela proporção alcançada, ser a antiga rua não mais apropriada para receber um contingente de pessoas e uma quantidade de produtos em escala crescente, o que justifica a mudança da feira para uma nova via que em poucos anos se estende a outras ruas. O efeito disso foi tornar atraente e influente o espaço onde se difunde essa atividade, favorecida por uma melhor infra-estrutura e pelo funcionamento do mercado público municipal, empreendimento urbano que trouxe mais qualidade e dinamismo para o local.

Historicamente o mercado público sempre foi importante para as cidades. Por isso, esse recorte espacial não pode ser desvinculado das transformações que se processaram nessas vias, tendo em vista ser um elemento norteador dessa nova dinâmica impressa pelas atividades comerciais e de lazer desenvolvidas na cidade, desde o período que entrou em funcionamento até os dias atuais.

Desse modo, analisar esta singularidade significa buscar a compreensão de uma forma tradicional de comércio transformadora do espaço e da sociedade. Esse tipo de atividade introduziu um novo padrão de relações com áreas internas e externas ao local onde se manifesta este fenômeno. As transformações verificadas apresentaram maior complexidade devido à mudança da funciona-



lidade da feira, como já mencionado em trecho anterior, traduzindo-se por um lado, pela relativa diminuição do movimento no centro, apoiado no comércio varejista de caráter popular; e, de outro, pela propagação desta mesma atividade em outro bairro da cidade.

Todas essas modificações são respaldadas pelas interações que se dão preteritamente ao nível da cidade, produzindo um expressivo crescimento de atividades no espaço organizado para atender funções comerciais, o que explica que “quanto maior for a importância da cidade, em termos de centralidade, maior será a importância absoluta de sua feira, importância determinada segundo o número de participantes e a área de atuação da mesma” (CORRÊA, 2005, p. 67).

Um período, portanto, marcado por um remanejamento de funções urbanas, mediante uma política municipal que visava estruturar um espaço pouco movimentado em lócus de um mercado alicerçado a absorver maior quantidade de produtos e concentração de consumidores. Tudo isso explica a intensificação dos fluxos desencadeados a partir da capacidade econômica que esta área foi adquirindo, bem como das mudanças e articulações entre essa via e outras. Isso porque, nem uma rua ou o conjunto delas é auto-suficiente.

O aspecto mais visível dessas mudanças diz respeito às novas construções e a penetração de atividades a serem desenvolvidas nesse espaço, como por exemplo, a feira. É exatamente nesse ponto que se encontra a identidade coletiva e a insistência a um tipo de tradição que ainda persiste diante de um mundo cada vez mais moderno. “A afirmação de qualquer identidade dependente de lugar tem de apoiar-se em algum ponto no poder motivacional da tradição. É, porém, difícil manter qualquer sentido de continuidade histórica diante de todo fluxo e efemeridade da acumulação flexível” (HARVEY, 1993, p. 273). A feira não só é um fenômeno comercial antigo, onde se cultua toda uma tradição que resiste ao tempo, como imprime no espaço, o sentido do mercado livre, por concentrar diferentes camadas da população, que nela vê produtos, preços e variedades, nem sempre encontrados nos estabelecimentos oficiais, razão pela qual desperta interesse, além de ser um lugar popular e símbolo da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas sobre as ruas Dr. Pedro Velho e Industrial José de Brito apontam para mudanças e permanências de atividades desenvolvidas ao longo do tempo e que marcaram a vida dos moradores e da população envolvida, direta ou indiretamente, no cotidiano e na complexa situação que se estabelecem na organização comercial dessas vias.

Desde o início, ambas as vias, tiveram uma organização morfológica bastante espaçosa e larga, projetadas com um traçado longo que respondesse às expectativas de grande concentração nos dias de maior movimentação. Os comerciantes que nelas investiram, criaram também laços de identidade, ou seja, ao mesmo tempo em que desenvolvia relações de negócios, participavam de comemorações religiosas e alguns até moravam, e ainda moram, dividindo suas casas em compartimentos com funções simultâneas. Um dado raro, mas ainda encontrados nas modernas edificações que vão surgindo e que dão uma conotação adversa às estruturas do passado.

Hoje, essas ruas além de serem mais dinâmicas, apresentam singularidades que as diferenciam das demais, considerando os investimentos e a intensidade dos fluxos na área, o que as consolidam como principais eixos viários a comportar boa parte das funções urbanas, referentes ao setor terciário para onde se dirigem as atenções, tanto do poder público como dos habitantes que veem a possibilidade de satisfazer necessidades. Nelas viabilizam-se com maior facilidade as manifestações culturais, a organização produtiva e a funcionalidade das atividades desenvolvidas.

Assim, na medida em que há a revalorização de algumas áreas, intensificam-se os interesses vinculados à comercialização, geralmente ligados às decisões não somente internas, mas também de outras cidades, não podendo mais essas ruas serem vistas isoladamente, sem que haja uma compreensão das suas interações a nível geral mais amplo. O momento presente é exemplo disso, e



nesse sentido, a rua surge como elemento central para o entendimento da cidade, tanto em relação a sua forma, quanto em relação à vida social expressa no cotidiano urbano.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- CARLOS, Ana Fani Alessandri. A forma da cidade. In: _____. **Espaço – tempo na metrópole**. São Paulo: Contexto, 2001.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- HARVEY, David. A compreensão do tempo – espaço e a condição pós moderna. In: _____. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico, 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 abril. 2012.
- LEFEBVRE, Henri. A forma urbana. In: _____. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- MAIA, Doralice Sátyro. A morfologia urbana no movimento da modernidade. In: X Encontro de Geógrafos da América Latina, 2005, São Paulo. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.
- MARX, Murillo. Rua. In: _____. **Cidade no Brasil em que termos?** São Paulo: Studio Nobel, 1999.
- MARTINS, Antonio Zarote. **El espacio interior de la ciudad**. Madrid: Editorial Sintesis, 1991.
- PINTAUDI, Silvana Maria. In: Carlos, Ana fani Alessandri (org.) **Novos caminhos da geografia**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- SANTOS, Milton. **A urbanização Brasileira**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- SILVA, Pedro Marinho da. **Nova Cruz: Retratos de uma História**. Natal, 1999.

Trabalho enviado em setembro de 2012
Trabalho aceito em outubro de 2012

